

## OS MODOS DE SER CEGO DIANTE DAS CORES: UM PRÁTICA EDUCATIVA NA CLASSE HOSPITALAR

Hedlamar Fernandes

[hedlamarf@gmail.com](mailto:hedlamarf@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/9398911742741951>

Hiran Pinel

[hiranpinel@gmail.com](mailto:hiranpinel@gmail.com)

**Resumo:** Este estudo objetiva descrever compreensivamente uma prática educativa desenvolvida na classe hospitalar com o uso de tintas junto a uma criança de seis anos de idade, automeado “Naruto”, que possui um complexo e raro quadro clínico denominado craniofaringioma, que se tornou cego aos três anos de idade. Sendo assim aborda o tema da pedagogia hospitalar, como um ramo da educação, destacando as possibilidades de práticas educativas do professor em instituições não escolar, proporcionando ao aluno que se encontra hospitalizado o direito a continuidade de seus estudos. O estudo é de cunho fenomenológico (FORGHIERI, 2014; PINEL, 2015; RIBEIRO, 2011), pois, é uma proposta radical colocar-se entre parênteses, suspender todo conhecimento anterior e olhar as coisas a partir delas mesmas (RIBEIRO, 2011). Recorremos às perspectivas teóricas de Paulo Freire (1996) e Pinel (2015), a fim de analisar os “modos de ser” do paciente-aluno diante da influência da criatividade, pois a fenomenologia é uma teoria para o mundo externo, que mira o outro, que não está encerrada em si mesma. A produção dos dados se deu a partir da utilização do uso de tintas, como recurso didático que possibilitou ao paciente-aluno a coragem de criar, (re)inventando-se ao mundo vivido na classe hospitalar, permitindo o desvelamento da sua imaginação e revelando suas criatividade. Os resultados apontam que o uso de uma prática educacional a partir do uso das tintas como recurso didático de relevância fundamental na construção do conhecimento do educando, contribuindo para interação social do paciente-aluno internado e fortalecendo as relações interpessoais entre ele e o outro.

**Palavras-chave:** classe hospitalar, uso de tintas e Pesquisa fenomenológica.

### 1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dar à luz uma criança deficiente é um acontecimento repentino. Não existe um aviso prévio, não há tempo para se preparar (BUSCAGLIA, 2010, p. 35).

1 Professora e doutoranda – UFES – Bolsista CAPES

2 Professor doutor - UFES

Froebel (1782-1852) já dizia que a criança é como uma “planta humana” ou “semente do bem” que precisaria de condições do meio para germinar, um repleto de potencialidades, um vir a ser constante, semente do amanhã.

Sendo assim, de acordo compreendemos que um fazer é necessário, para que a criança possa germinar, partindo da premissa que ela provavelmente está no comando de suas ações, assumindo suas responsabilidades diante de uma prática educacional que a ela é concebida.

Nesta senda, precisamos primeiramente, compreender de que lugar/tempo o sujeito está situado, em qual lugar estamos nos posicionando e estabelecendo o outro a ser compreendido, para a partir daí, termos condições necessárias de acessar uma teoria e empregar com sabedoria, pois, “se não tomamos conhecimento desse “lugar”, arriscamo-nos a um mal trato da técnica, a um exercício meramente errado [...]” (RIBEIRO, 2011, p. 13).

Considerando a criança como uma “planta humana” percebe-se que ela necessita de cuidados, pois, essa é a raiz primeira para que o ser humano se constitua como pontua Boff (1999). Desse modo o presente estudo se materializou devido a uma prática educacional realizada na classe hospitalar, um ambiente onde de fato o aprendizado é construído, cujo espaço-tempo, se tornou um lugar-tempo propício para a coexistência de uma prática educativa realizada num hospital público e infantil da grande Vitória - ES, que nos motivou a compreender a seguinte questão: O “que é” e “como é” ser paciente-aluno, com necessidades educativas especiais, vítima de uma cegueira devido a um craniofaringioma, a utilizar tintas de diversas cores para pintar algo de sentido?

A construção dessa prática educativa se concretizou a partir do momento em que a professora-pesquisadora dentro da classe hospitalar compreendeu que a criança possui potencialidades, sendo ela considerada por Froebel como “semente do bem”. Assim, compreende-se que o paciente-aluno é

um ser capaz de aprender, não apenas para se adaptar, mas, como pontua Freire (2015) “para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” [...] (p. 67).

Compreendemos que a prática educacional desenvolvida na classe hospitalar de um hospital público, um espaço-tempo permeado de (re)construções de aprendizagens objetivava observar, compreender e descrever “os modos de ser sendo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2015, p. 18) do paciente-aluno, possibilitando-o a experimentar através do manuseio de tintas que “é possível construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura do espírito” (FREIRE, 2015, p.68).

Percebemos que a criatividade e o interesse são componentes necessários para que o ser humano possa vir a ser, pois, “os seres humanos conseguem valor e dignidade pelas múltiplas decisões que tomam diariamente. Essas decisões exigem coragem” (MAY, 1975, p. 10).

Neste contexto, Freire (2015) ressalta que necessitamos aqui e agora de conhecer ou abrir-se à realidade desses alunos com necessidades especiais com quem compartilhamos a nossa proposta pedagógica, sentindo que se faz tão possível quanto viável tornar-se real. Nesse mosaico é pertinente lançar mão do uso do diálogo, como um dispositivo que deve fortalecer o outro e a si mesmo, sem dele tirar o espaço de oportunidades de confronto, mas “[...] incentivando-os ao enfrentamento e à coragem: crescer é preciso, apesar dos erros e limitações de cada um” (RUDIO, 1991, p.24).

Desse modo, a educação é um dos aspectos importantes para a sobrevivência do ser humano, pois, as experiências sentidas/agidas pelo paciente-aluno na classe hospitalar, um complexo espaço/tempo possibilita, certamente, sentir tal espaço como um ato de criação. As vivências desenvolvidas/sentidas pela professora-pesquisadora e pelo paciente-aluno podem ser descritas como uma potencialidade da vida em confronto, ou mesmo uma harmonia que entra em conflito com poder de existir, pois, “significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano” (FREIRE, 2015, p138).

Sendo a educação um processo permanente na existência humana, ela então, não é um elemento único da escola, ou seja, o processo ensino-aprendizagem permanece presente em todos os horizontes, inclusive nos não escolares. Nesta direção o hospital é um espaço-tempo de construção de

conhecimento, de saberes e fazeres, além de assegurar o atendimento à assistência médica, passa a se caracterizar como um espaço de educação.

Assim, o hospital é,

Parte integrante de uma organização médica e social, cuja função básica consiste em proporcionar à população assistência médica integral, curativa e preventiva, sob quaisquer regimes de atendimento, inclusive o domiciliar, constituindo-se também em centro de educação, capacitação de recursos humanos e de pesquisas, em saúde, bem como de encaminhamento de pacientes, cabendo-lhe supervisionar e orientar os estabelecimentos de saúde a ele vinculados tecnicamente (BRASIL, 1977, p. 3929).

Nessa dimensão o hospital, com sua organização, funcionamento e atendimento, metamorfoseia-se também como espaço-tempo educativo e provocativo por memorar vários cenários de co-engendramento de experiências e vivências, possibilitando, assim, aprendizagens que surtem efeitos de sentido para aqueles indivíduos inseridos na classe hospitalar.

## **2 - A INTELIGÊNCIA: EFEITOS DE SENTIDOS**

Para Freire (1997) a educação na fase da infância, mais precisamente, na vida do paciente-aluno precisa ser reconhecida com seriedade, diferenciando-se das relações vividas no seio da família, mas sem deixar de levar em conta a alegria de viver. Se viver fosse considerado um problema, provavelmente fosse mais fácil enfrentá-lo, mas a vida não é um problema, trata-se de um mistério e, quando estamos às margens do mistério, talvez nos restem raras saídas, ou inclinamo-nos diante de sua amplitude ou aprimoramo-lo.

As práticas educacionais que envolvem o manuseio das tintas para uma criança que se tornou cega são consideradas oportunidades para que ela possa criar o mundo à sua imagem e semelhança, pois, a sua própria linguagem dentro da classe hospitalar exprime a organização do seu mundo, constantemente criado e reinventado, questionado/ameaçado como pontua Augras (1997).

Por meio da relação dialógica, um dos aspectos essenciais para a formação integral da pessoa de acordo com Freire (1997), é possível possibilitar à criança enferma, um ensino/aprendizagem de qualidade, para que possa enfrentar a situação de fragilidade, através da interação com as práticas educacionais inovadoras, o que torna o ambiente da classe hospitalar um espaço mais agradável e propício à aprendizagem, pois, Ceccim (1997) pontua que, “[...] a aprendizagem de crianças doentes dentro do hospital é possível, pois estão doentes, mas em tudo continuam crescendo” (p. 80).

As atividades educativas propostas na classe hospitalar constituem-se parceiras fundamentais no cotidiano do paciente-aluno, pois, crianças na condição de paciente-alunos e professores, desenvolvem seu papel de eternos aprendizes, que por tempo determinado, estão “paralisados” em virtude da sua ausência da escola regular. Assim, compreendemos também que o saber/fazer na classe hospitalar, desvela um mundo de possibilidades para a criança, pois, “ela pode ter acesso a uma grande variedade de materiais educativos dentro de um ambiente provavelmente lúdico e poderoso, e que respeite seu quadro clínico” (PINEL, 2015, p.19).

Torna-se necessário que o docente da classe hospitalar re(crie) práticas educativas que envolvem o paciente-aluno a participar de forma ativa e pró-ativa, deixando-o livre para interagir com o mundo ao seu redor.

Zabala (1998) compreende-se que,

É preciso insistir em tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos,, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje, em dia tem a educação (p.29)

Desse modo, é possível a (re)construção de um conhecimento mais aberto/espontâneo, algo encarnado, abraçando o imaginário, o prazer dos sentidos, o afetivo, o lúdico, parâmetros não racionais, onde múltiplas oportunidades aparecem e o qual não mais se condensa numa raiz única.

### **3 - PERCURSO METODOLÓGICO**

Trata-se aqui e agora de um estudo fenomenológico (FORGHIERI, 2014), pois, o ser humano tem se preocupado, através dos tempos, com o conhecimento e a compreensão da sua existência no mundo. Parte-se de uma metodologia que se interessa pelos discursos subjetivos (em subjetivação) dos sujeitos da experiência vivida, tais quais são apresentadas e ou narradas (FORGHIERI, 2014).

É importante ressaltar que a fenomenologia, ao mesmo tempo em que é um método, é também uma maneira de ser, uma maneira de se obter a realidade, um espaço/tempo de abertura onde o ser se dá (RIBEIRO, 2011).

A fenomenologia é uma teoria para fora, que se dirige ao outro, que não está encapsulada em si mesma. Ela é um instrumento de trabalho perfeito, porque conduz a pessoa a sair de si mesma, a não se ver como centro e princípio de razão do mundo fora dela. Ela conduz a uma postura de humildade, de súplica diante das infinitas possibilidades que as coisas possuem e das quais a pessoa não se pode abeirar, a não ser se deixando, ela mesma, de fora do outro para, só então, encontrar-se com ele, na simplicidade da observação experienciada e descritiva (RIBEIRO, 2011, p. 94).

Quando aplicado o método fenomenológico, desvelamos novos “modos de ser sendo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2010, p.15), que provoca e convoca aos pesquisadores ir à cata desses sentimentos, emoções, desejos, raciocínios, tomadas de decisão, soluções de problemas – dentre outros aspectos “afetivo-cognitivos”, aspectos indissociados.

O fenômeno que colabora com essa pesquisa é um paciente-aluno de (06) anos de idade, masculino, que (pro)segue o currículo de sua escola pública de origem – no interior do Estado do Espírito Santo, que tem diariamente como acompanhante a presença da sua mãe, vítima de um câncer no útero.

No decorrer deste estudo, o sujeito se desvelou disponível a se entregar ao vivido/sentido na prática pedagógica planejada/executada e avaliada na classe hospitalar mesmo diante da sua enfermidade, que é uma lesão cerebral, que compromete a sua cabeça/cérebro causando dores constantes, além de ter lesionada a visão – mas sem prejuízos cognitivos. Um ser no mundo, que está sempre “em movimentos, ora lentos, ora rápidos e muitas vezes alegres e sorrateiros, mas sempre humano” (PINEL, 2015. p. 23).

A prática educativa utilizada sob a égide da Filosofia Fenomenológica da Educação (PINEL, 2015), envolveu a classe hospitalar, onde a criança teve a oportunidade de realizar a prática educacional proposta pela professora-pesquisadora, envolvendo-os em seus diálogos.

Trata-se de uma relação dialógica agida como alicerce para a construção dos saberes/fazer ali na classe hospitalar, possibilitando a criação e a reconstrução do conhecimento de sentido, considerando sempre o estado de saúde da pequena criança, pois, “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade [...]” (FREIRE, 2015, p.133).

#### **4 - O DESVELAR DA PRÁTICA EDUCATIVA**

Partindo da premissa de que não podemos descuidar da criança por ela estar doente, a pedagogia hospitalar (FONSECA, 2003) surge objetivando a promoção de um atendimento integral para a criança que se encontra na condição de paciente-aluno, juntamente com os profissionais de saúde. Nessa direção, aluno e professor desenvolvem papéis no espaço-tempo da classe hospitalar permitindo propostas educativas que favoreçam o desenvolvimento da criança nos âmbitos emocional, social e intelectual.

As práticas educativas realizadas na classe do hospital exigem do docente especificidade humana, bom-senso, segurança, dentre outras coisas que certamente possibilitam a interação com o paciente-aluno de forma ativa, alegre e espontânea.

Os saberes e fazeres que o professor e a professora têm diante de si, algo encarnado, entrelaçando com o saber de seu paciente-aluno, produzem um saber feito de experiência, levando-os a (re)pensar que é necessário estar aberto ao gosto de querer bem aos seus alunos do leito hospitalar, incentivando-os a nutrir de coragem, pois, essa abertura de querer bem significa para o professor que “é a maneira autêntica de selar o compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano” (FREIRE, 1997, p.138).

Ribeiro (2011) que ressalta que,

Concebo o ser humano como aberto à plenitude de ser ele mesmo, de ser, sendo sem limites impostos de fora, sujeito de uma consciência autônoma e singular. Um ser não condenado a ser livre, mas tendo, na sua subjetividade, o ponto de indiferença criativo que lhe permite ser senhor do caminho que ele constrói, sendo o centro de toda uma constituição de si mesmo a partir de uma perspectiva relacional com o mundo (p. 79).

Sendo assim, pontuamos uma prática educacional, realizada com o paciente-aluno, em um hospital público, na classe hospitalar, onde ocorreu em meio a processos que arquitetam a vida e a existência, uma didática focada nos modos-de-ser do paciente-aluno diante do manuseio do uso de tintas coloridas, que permite a criança a (re)desenhar o mundo que o cerca, dialogando consigo mesmo e com o outro, algo que dá sentido a sua própria vida, utilizando pincéis, cores de sua própria escolha, além de papéis.

A prática educacional planejada entre professora-pesquisadora e paciente-aluno cego devido sua patologia é um momento composto por pincéis de vários tamanhos e espessuras, além de potes de várias cores e papel xamex A4. A professora-pesquisadora auxilia o paciente-aluno a praticar

movimentos de forma efetiva e coordenada e a desenvolver bons reflexos. Quanto mais se trabalha/exercita com a coordenação motora do paciente aluno, melhor ele se desenvolve, adquirindo mais equilíbrio e confiança.

O trabalho da coordenação fina, por sua vez, permite que o paciente-aluno use as mãos em movimentos mais precisos, tão necessários para escrever, desenhar, traçar, alinhar, abotoar, dar laço e muito mais. A pequena criança deverá desenhar aos seus modos de sentidos usando os pincéis, tintas e papéis como assim desejar.

Ao interagir com as tintas e pincéis a criança na condição de paciente-aluno foi deixando marcas no papel de algo que o toca dizendo: *“Estou desenhando o céu que é todo azul e lá os passarinhos moram e não ficam presos assim como eu que fico um “tantão” de dias dentro desse hospital que não me dá enroladinhos de salsicha e nem miojo (risos)”*. O pequeno disse traçando levemente o pincel que tinha às mãos com um toque calmo e possivelmente desejado.

Logo em seguida ele solicitou a cor amarela dizendo: *“Eu preciso da cor amarela para pintar o sol, pois o sol mora no céu que fica muito distante de mim. Eu quase não vejo o sol, mas sei que ele esquenta essa terra”*. Ele disse passando as pequenas mãos na testa, como se estivesse sentindo o calor do sol.

A criança foi sentindo e curtindo o momento de pintar juntamente com a professora-pesquisadora. A professora ao observar e compreender os modos de ser da criança que se tornou cega disparou: “O que mais deseja pintar”? Ele sorratamente disse: *“Com a cor marrom eu não quero fazer nada, pois é a cor do galho da árvore que espeta minha mão, o que eu quero é que passem a cor de tinta verde na minha mão para e deixar a minha marquinha aqui”*. Ele disse com um sorriso leve apontando para a folha de papel e acrescentou: *“Quero mostrar minha mãe a marquinha da minha mão também”*.

É importante pontuar que ao interagir com as tintas, o pequeno aluno teve a capacidade de trazer o real para o momento da prática educacional, uma vez que a criança diz: *“Lá os passarinhos moram e não ficam presos assim como eu que fico um tantão de dias dentro desse hospital”*. Ele demonstrou que a liberdade lhe falta, que está à margem de algo que provavelmente não lhe compete a resolver.

Outro fator relevante é que o aluno dá autoria à sua atividade dizendo: “*Quero deixar a minha marquinha*”.

O paciente-aluno (re)conhece na sua intencionalidade, que nos remete diretamente á questão de sentido, pois, ocupa um lugar importante em descrever o conceito de pessoa, de sua consciência, que é possível construir redes que se aproximam e se afastam da vida real e do imaginário.

Através de uma prática educacional planejada com o uso de tintas, espera-se que o paciente-aluno consiga promover um trabalho independente por meio de situações em que possam se atualizar e utilizar autonomamente os conhecimentos construídos, “assegurando a atividade construída do aluno e sua autonomia, a fim de que possa aprender por si mesmo” (ZABALA, 1998, p, 103).

Aqui e agora, descrevemos partes da realização das atividades no decorrer do ato de sua aprendizagem, cuja atividade contribuiu para sua potencialização, compartilhando seus significados e sentidos, construindo uma rede comunicativa como canal fluente, promovendo a participação e a relação entre docentes e discentes.

A prática educacional com o uso de tintas para uma criança que se tornou cega consistiu em um ambiente motivador, que gerou autoconceito positivo na vida do aluno, além de confiança na sua própria competência para enfrentar os desafios que se apresentam diante de si e do outro, pois, ensinar exige tomada consciente de decisões de acordo Freire (2015).

Trata-se de uma criança no seu próprio tempo, dentro do seu espaço real, pois, “o outro lhe marca e o demarca numa espécie rara de ele mesmo como é sendo si no cotidiano” (PINEL, 2005, s/p). Neste contexto, é possível sentir que ambos possuem uma consciência emocionada/transformadora, pois, observam e descrevem para si a própria realidade sentida e vivida da prática educativa, que facilita uma atenção que interfere no processo de ensino e aprendizagem.

## **5 – (IN) CONCLUSÃO**

Este ensaio descreveu compreensivamente que para aprender é indispensável que haja um espaço-tempo propício, constituídos por um marco de relações em que prevalecem a aceitação, a confiança,

o respeito mútuo e a seriedade, pois, “a aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o esforço” (ZABALA, 1998, p. 100).

Para tanto, Freire (2015) esclarece que,

A atividade docente de que discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedades docente alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também (p. 139).

A complexidade da prática educacional faz com que dificilmente se possa prever com antecedência o que acontecerá no momento da aula na classe hospitalar. Desse modo, torna-se tão necessário quanto viável compreender que a educação é um processo de participação, orientado de construção conjunta, para possibilitar um desenvolvimento certamente pleno do aluno, pois, “o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo responsabilidades de suas ações” (FREIRE, 2015, p. 91).

## REFERÊNCIAS

- AUGRAS, Monique. **O Ser da compreensão. Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico** Compreensão humana e ajuda ao outro. Petrópolis: Vozes, 7ª edição 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde. Coordenação de Assistência Médica e Hospitalar. **Conceitos e definições de Saúde**. Brasília 1977.
- BUSCAGLIA, L. Os deficientes e seus pais – um desafio ao aconselhamento. Record. Rio de Janeiro – São Paulo. 6ª edição. 2010
- CECCIM, Ricardo Burg. CARVALHO, Paulo Roberto Antonacci. **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta a vida**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica; fundamentos, métodos e pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2014.
- FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.
- FROEBEL, Friedrich. **Letters to a Mother on the Philosophy of Froebel**. Harris, W.T. (ed.) New York/London. D. Appleton and Company. 1912.

PINEL, Hiran. A pedagogia hospitalar Brasil-Portugal: esboçando algumas pistas para o entendimento. In: PINEL, H.; SANT'ANA, A. S. C.; COLODETE, P. R. (org.). **Pedagogia hospitalar numa perspectiva inclusiva: um enfoque fenomenológico existencial**. Teresina: EDUFPI, 2015, p. 80-83.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**; saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MAY, Rollo. A coragem de criar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4ª Edição, 1975.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceitos de Mundo e de Pessoa em Gestalt-Terapia** – Revisitando o caminho. São Paulo: Summus, 2011.

RÚDIO, Franz Victor. **Compreensão humana e ajuda ao outro**. Petrópolis: Vozes, 1991.

ZABALA, A. **A Prática educativa – como ensinar**. Porto Alegre – Artimed, 1998.

## ANEXO 1:



Arquivo próprio dos autores: 2018

## SOBRE OS AUTORES:

Hedlamar Fernandes

Professora do curso de Pedagogia e séries iniciais – doutoranda em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivo – Bolsista CAPES. <http://lattes.cnpq.br/9398911742741951>

Hiran Pinel, professor titular - doutor, pós-doutorado.

Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE

# Artefactum

Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES; Centro de Educação - CE

Coordenador do: Grufei - Grupo de Fenomenologia, Educação (Especial) & Inclusão.

Currículo lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4785953H4>

Membro do: G-PEFE - Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação